

*Cartas literárias
de amor e
desamor*

ROSA MARIA BELOTO

Miró
EDITORIAL

Copyright © 2021 Rosa Maria Beloto
Copyright © 2021 Miró Editorial Ltda.
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa,
em vigor desde janeiro de 2009.

Produção Editorial Miró Editorial
Editor Márcia Lígia Guidin
Capa e projeto gráfico Alberto Mateus
Preparação e revisões Fernanda Marão e Nicole Anne Collet
Cotejo de textos literários Edilene Santos
Diagramação Crayon Editorial

Para adquirir esta obra, entre em contato com:
editorial@miroeditorial.com.br
www.miroeditorial.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

B39c Beloto, Rosa Maria
1.ed. Cartas literárias de amor e desamor / Rosa Maria
Beloto. – 1.ed. – São Paulo : Miró Editorial, 2021.
200 p.; 14 x 21 cm.

ISBN : 978-65-990077-3-6

1. Cartas. 2. Epistemologia. 3. Literatura brasileira. I.
Título. CDD B869.3
10-2020/87 CDU 821.134.3(81)

Índice para catálogo sistemático:

1. Cartas : Literatura brasileira

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Todos os direitos reservados
Miró Editorial Ltda.



Rua Oscar Freire, 836/121
CEP 01426-000 – São Paulo – SP
Tels. (55) (11) 3063-3390 / (55) (11) 94298-9697
Nosso site: www.miroeditorial.com.br

*Ontem amor eu reli
As cartas que te escrevi
Frases repletas de amor
Que por você eu senti, sofri
Ontem amor revivi
Lembranças do nosso amor
Nas velhas frases que meu coração ditou
Naquelas cartas de amor
Ontem amor revivi
Lembranças do nosso amor
Nas velhas frases que meu coração ditou
Naquelas cartas de amor*

(ROBERTO CARLOS, "Cartas de amor" -
1984 e 2014)

A Deus, por ter me enviado ao mundo a passeio.

*À Aline Beloto, por ser minha obra mais
linda e importante.*

*Ao meu avô, Paschoal Alberti, por ter despertado
em mim o amor pelos livros.*

À minha família, pelo que sou.

Sumário

<i>Considerações iniciais</i>	11
<i>Introdução: Por que as cartas de amor são eternas?</i>	13
1. Epistolografia amorosa: as cartas de amor	21
1.2 Cartas de amor: uma exceção às normas da epistolografia	23
2. Cartas medievais: correspondência de Abelardo e Heloísa.	27
3. As Cartas Portuguesas.	49
3.1 O episódio amoroso vivido por Mariana Alcoforado, segundo suas cinco “Cartas”	52
4. A história de amor de George Sand e Chopin	67
4.1 De um lado, George Sand	70
4.2 De outro, Chopin	74
4.3 Entre eles, o amor	77
5. Por que as cartas de amor são eternas?	103
5.1 Cartas de amor: teu nome é mulher.	104
5.1.1 O privilégio da paixão	104
5.1.2 As cartas de amor femininas	118

5.2	Cartas e histórias de amor imortais	126
6.	As cartas de “amor” de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz	137
6.1	Sobre Fernando Pessoa e seus heterônimos: breves considerações	138
6.1.1	Alberto Caeiro	143
6.1.2	Ricardo Reis.	144
6.1.3	Álvaro de Campos	145
6.2	Correspondência “amorosa” de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz	147
6.2.1	O encontro de Fernando e Ofélia	148
6.2.2	Namoro epistolar	150
7.	As cartas de Fernando Pessoa: o paradigma é rompido?	179
7.1	Primeira resposta: sim, a princípio.	179
7.2	Não rompe, tendo em vista as cartas de Ofélia! . . .	183
7.3	Quem é, na verdade, o remetente das cartas de Fernando Pessoa a Ofélia Queiroz?.	186
7.4	Definitivamente, as cartas de amor de Fernando Pessoa não rompem o paradigma	190
	Conclusão: A aura das cartas de amor eternas e ternas! .	193
	Bibliografia	199
	De Yoko para John – Paz.	203

Considerações iniciais

No ano de 1998, inspirada pela história de uma carta de amor esquecida no metrô de São Paulo, SP, Brasil, que atraiu a atenção de milhares de pessoas e alterou a rotina dos habitantes de toda uma metrópole, e devido à escassez de bibliografia e de outras fontes de pesquisa sobre epistolografia – principalmente a amorosa –, iniciei uma pesquisa sobre o assunto, concluindo-a no ano seguinte: *Um Estudo da Epistolografia Amorosa*, realizada em 1999 para a Diretoria de Pesquisa e Extensão das Faculdades Integradas Teresa Martin, onde era docente, analisando e avaliando a correspondência amorosa de três famosos casais de diferentes épocas da História: Pedro Abelardo e Heloísa (França Medieval), Mariana do Alcoforado e Conde de Camylle (Portugal na Contrarreforma) e George Sand e Chopin (França do século XIX). Da análise feita, resultaram as características essenciais que encontrei em cartas de amor, literárias ou não.

Em 2001, fruto daquela pesquisa, publiquei o livro *Cartas de amor eternas e ternas*, Editora Clíper. O teor da pesquisa e do livro permaneceu hibernando por doze anos, dando a sensação de que o modelo de uma autêntica carta de amor – uma carta de amor eterna e terna – permaneceria inabalável e inquestionável para sempre. Para sempre é muito perto.

No ano de 2013, o livro *Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz – Correspondência Amorosa Completa (1919-1935)* é lançado pela editora Capivara e, no final do mesmo ano, adquiri a obra, inicialmente apenas para leitura, com valor ganho de meus colegas de trabalho pelo meu aniversário.

Na sequência, a inevitável comparação com a correspondência amorosa e o protótipo de epistolografia amorosa construída com base na análise das cartas de amor em minha obra de 2001 inspirou-me a escrever uma nova e ampliada pesquisa, e o estudo da epistolografia amorosa em minha obra anterior tomou novos rumos.

A leitura e a análise da epistolografia amorosa pessoana, que revelou muitas surpresas – o que não poderia ser diferente em se tratando de Fernando Pessoa – resultou então na vontade de escrever este livro.

Convido, por isto, o leitor a conhecer tais surpresas, a correspondência amorosa dos famosos casais aqui abordados, e a saber por que as declarações feitas nas cartas de amor jamais serão iguais ou substituídas pelas declarações de amor, hoje, contidas em mensagens postadas nas redes sociais – WhatsApp, e-mails, ou em qualquer outra transmitida por meio da utilização de tecnologia. Em suma, convido-o a saber o que faz as cartas de amor serem eternas e ternas.

Introdução

Por que as cartas de amor são eternas?

*Como jurei
Com verdade o amor que senti
Quantas noites em claro passei
A escrever para ti
Cartas banais
Que eram toda a razão do meu ser
Cartas grandes, extensas, iguais
Ao meu grande sofrer*

*Cartas de amor
Quem as não tem
Cartas de amor
Pedaços de dor
Sentidas de alguém
Cartas de amor, andorinhas
Que num vai e vem, levam bem
Saudades minhas
Cartas de amor, quem as não tem*

*Porém de ti
Nem sequer uma carta de amor
Uma carta vulgar recebi
Pra acalmar minha dor
Mas mesmo assim
Eu para ti não deixei de escrever
Pois bem sabes que tu para mim
És todo o meu viver*

*Cartas de amor
Quem as não tem
Cartas de amor
Pedaços de dor
Sentidas de alguém
Cartas de amor, andorinhas
Que num vai e vem, levam bem
Saudades minhas
Cartas de amor, quem as não tem?*

(FRANCISCO JOSÉ & ALVES COELHO FILHO,
“CARTAS DE AMOR”)

Quatro de dezembro de 1991. O sr. Jeremias Alves Barreto, supervisor geral de operações da estação Sé do Metrô de São Paulo, recebe de um funcionário do setor de Achados e Perdidos um livro; dentro do livro está uma carta de amor datada de 10 de maio de 1930. O remetente da carta chama-se Altair e o destinatário, Carol.

A mensagem? Claro! É a expressão do amor que ele sente por ela, que é sua esposa. Por causa da profissão Altair viaja constantemente ao Rio de Janeiro, permanecendo muito tempo longe de sua esposa e, na volta, sempre traz um mimo a Carol: uma flor, um perfume, um bombom... naquele 10 de maio, Altair tem a ideia de dar à esposa algo diferente: a citada carta, escrita e recebida com tanta emoção, que se torna o presente mais valioso da vida de Carol. Ela está com 86 anos de idade e mantém consigo essa carta, que simboliza a constante presença do amado (e agora falecido) esposo Altair, há 60 anos; e, por estar sempre junto a Carol aonde quer que ela vá, um dia é acidentalmente esquecida dentro daquele livro num banco de um vagão do metrô de São Paulo.

A Companhia do Metropolitano de São Paulo tem, como citado, um setor de Achados e Perdidos que funciona desde 1975, o livro e a carta são encaminhados para lá. Ao ler a carta de Altair para Carol, o sr. Jeremias fica impressionado: as pessoas esquecem muitos objetos no Metrô, desde fogão até o mais esquecido deles - o guarda-chuva -, mas uma carta de amor tão bem redigida e com tal eloquência, há muito ele não lia e é a primeira desse tipo a chegar ao setor. Os objetos perdidos, quando estão identificados (com nome, endereço e/ou telefone para contato), são devolvidos aos seus donos; caso contrário, eles devem ser reclamados

dentro de um prazo de três meses; tais objetos reclamados só são entregues pessoalmente aos donos que comprovam que se trata de algo de sua propriedade. A “Carta à Carol” (como ficaria conhecida a partir de então) não tem como ser devolvida e resta ao sr. Jeremias aguardar que alguém a reclame.

No dia 7 de janeiro de 1992, o jornal *Diário Popular* faz uma matéria sobre o setor de Achados e Perdidos do Metrô de São Paulo na sua *Revista* à página 3; nessa reportagem, o sr. Jeremias é entrevistado e, dentre outras coisas, ele relaciona os objetos mais curiosos que se encontram no setor. A matéria do *Diário Popular* chama a atenção da Central Globo de Jornalismo, que envia uma equipe de reportagem para fazer uma matéria semelhante para o telejornal *São Paulo Já* (hoje, o *SP-TV*); durante a reportagem, o sr. Jeremias resolve mostrar trechos da “Carta à Carol” para que, aparecendo na tela, a carta possa ser vista para ser reclamada e devolvida à sua proprietária; eis a carta na íntegra:

Rio de Janeiro, 10 de maio de 1930.

Minha querida e idolatrada Carol:

Estive esta noite meditando longamente sobre a história do nosso amor. História complicada, cheia de lances trágicos, um verdadeiro romance.

Nós podemos nos considerar felizes, e dizermos que de fato nos amamos.

Tudo procura nos separar e nosso imenso amor, nascido espontaneamente em nossos corações, é alimentado pelo desinteresse e pela sinceridade de nossas almas, mimado pelo

nosso grande afeto, cresceu e tornou-se essa inexpugnável fortaleza que a tudo resiste com galhardia.

Invejas, tristezas, desgostos e contrariedades, tudo vem morrer de encontro à muralha maciça e intangível do nosso amor, cujos alicerces, cavados na rocha viva da sinceridade, resistem às tempestades da maledicência e ao assopro dos ventos maus dos invejosos.

Não é como quase todos os amores, cujas bases assentadas na areia do interesse e da hipocrisia ao menor sopro se desfazem.

Carol, és o meu ídolo, para você são todos os meus pensamentos, todas as minhas esperanças, e se algum dia eu succumbir sem conseguir realizar o meu ideal, quero que você sempre tenha um pensamento para este que teve por você um tão grande amor, e que na eternidade continuará a te amar sempre com mais amor.

Sofro porque não posso te ver a todo o instante, sentir o bafo quente e perfumado de tua boca, ouvir a tua voz cristalina e nobre, mirar o teu corpo esbelto e flexível de fidalga.

Tenho a esperança em Deus que este sofrimento em breve terá um fim.

*Beija-te carinhosamente
teu Altair*

Ao assistir ao telejornal, a filha de dona Carol reconhece a caligrafia do pai na carta reproduzida na tela, liga imediatamente para o número de telefone informado no telejornal e comunica que aquela carta pertence à sua mãe, que por ser muito idosa e estar adoentada não pode ir ao Metrô para retirá-la.

A equipe de reportagem da Rede Globo, acompanhada pelo sr. Jeremias, vai à casa de dona Carol para devolver a carta e para mostrar ao público o desfecho da matéria anterior. Ao receber sua carta de volta, dona Carol chora emocionada, leva a carta ao peito e diz:

– *Pensei que jamais a teria de volta!*

Simultaneamente às reportagens da Rede Globo, na primeira página dos mais importantes jornais de São Paulo, a história da carta de amor da década de 1930, escrita por Altair à esposa, e agora de volta ao convívio de Carol, aparece como uma das suas principais manchetes. Desde que ela foi mostrada no telejornal, o sr. Jeremias é procurado por milhares de usuários do metrô que querem saber detalhes sobre a carta e sobre os envolvidos nela.

Assim, uma carta de amor veio mobilizar uma grande metrópole que convive diariamente com o desamor, com a violência e com os sentimentos mais vis. Em meio a notícias sobre assassinatos, roubos, corrupções, inflação insuportável, desemprego, enchentes, etc., há uma fotografia colorida de uma senhora sorrindo porque tem consigo sua carta, que representa o amor eterno e terno vivido por ela e o esposo. A beleza de dona Carol, sua felicidade expressa naquele sorriso e sua carta são um alento aos paulistanos, que depois de lerem a história que acompanha aquela fotografia, param seu corre-corre por um instante para buscar dentro deles algum sentimento bonito há tanto escondido e esquecido. Carol e sua carta são a flor que de repente brota e embeleza toda a lama em que está mergulhado o país.

Tal como a flor, Carol morre no mês seguinte, sendo enterrada com a carta de amor junto ao peito para, segundo

disse ela, relê-la com o companheiro em algum lugar onde jamais tenham que se separar novamente; tal como essa flor, porém, Carol deixa na memória dos que a conheceram uma linda e imortal lembrança.

Na sequência dos fatos, mais precisamente no período de 22 de maio a 12 de junho (Dia dos Namorados) de 1992, a Companhia do Metropolitano de São Paulo lança um concurso que pretende escolher as mais belas cartas de amor da atualidade; inspirado no episódio da “Carta à Carol”, esse concurso tem um número surpreendente de inscritos e as cartas vencedoras são publicadas pelas Edições Melhoramentos: *Cartas de Amor no Dia dos Namorados*.

A repercussão do episódio aqui narrado¹, lembrado várias vezes pela imprensa, inclusive depois pelo jornal *Folha da Tarde* de 15 de fevereiro de 1997, na página A-8, foi tamanha (e prova disso é a quantidade de pessoas que procuram até hoje detalhes sobre o fato em jornais e no próprio Metrô, ou que se inscreveram no citado concurso), que nos levou a muitas perguntas, tais como:

1. O que há numa carta de amor que atrai tanto uma quantidade tão significativa de pessoas?
2. O que é e como é uma carta de amor?
3. Há técnicas que ensinam como escrever uma carta de amor?

¹ O episódio narrado é verídico; ele é baseado no relato de Jeremias Alves Barreto (um dos funcionários mais antigos e conceituados do Metrô, trabalhando no Departamento de Operações dos Terminais Rodoviários, Estação Tietê) e no vasto material jornalístico pesquisado; grande parte desse material também foi fornecida pelo próprio Jeremias; por isso, nosso agradecimento especial a ele e aos funcionários do setor de Achados e Perdidos do Metrô de São Paulo.

4. Por que algumas cartas de amor ficaram tão famosas?
5. Por que certas cartas de amor escritas há séculos ainda são lidas, apreciadas e parecem tão atuais?

Em suma: Por que as cartas de amor são eternas?

Partimos em busca de respostas a estas questões e, desde o início, deparamo-nos com uma ausência quase que total a respeito do tema “cartas de amor” em obras especializadas, em bibliotecas e em livrarias, mesmo nas tidas como mais completas na cidade. O próprio gênero epistolar é pouquíssimo trabalhado nas obras dos especialistas em Literatura. Tal ausência, contudo, serve de estímulo, torna-se um motivo a mais para a elaboração desta obra, cuja pretensão maior, cujo objetivo primordial é falar um pouco sobre aquilo que o ser humano mais precisou, precisa e precisará sempre para viver melhor e mais feliz: o amor!

1 Epistolografia amorosa: as cartas de amor

Carta

Há muito tempo, sim, que não te escrevo.
Ficaram velhas todas as notícias.
Eu mesmo envelheci: Olha, em relevo,
estes sinais em mim, não das carícias
(tão leves) que fazias no meu rosto:
são golpes, são espinhos, são lembranças
da vida a teu menino, que ao sol-posto
perde a sabedoria das crianças. (...)

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, LIÇÃO DE COISAS.)

Do grego *epistolé* e do latim *epistola* (carta), *epistolografia* é a correspondência escrita que, por seu valor histórico, filosófico, literário ou outro, foi conservada e, não raro, publicada.

Nascida da necessidade que alguém (emissor) sente de se corresponder com outro alguém (receptor) e caracterizada pela espontaneidade, uma CARTA é, em essência, “*uma conversa por escrito, redigida sem a intenção de alcançar a posteridade*”². Esse tipo de texto escrito traz sempre uma mensagem repleta de marcas valiosas do contexto em que foi elaborado (relato pessoal dos acontecimentos e costumes da sua época e do seu meio social) e da subjetividade do emissor (é um meio de expressão das suas emoções mais íntimas, das suas ideias, de seus pontos de vista, da sua “visão de

2 TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. 7a. edição, Belo Horizonte, Itatiaia, 1981, p. 147.

mundo”, etc.). Não obstante, o desejo de expor suas opiniões políticas, morais, filosóficas, etc. para um público maior e/ou para a posteridade através desse meio de comunicação direto faz com que seu autor retoque cartas que realmente escreveu e enviou, e as reúna em livro; resultado: elas perdem sua espontaneidade, mas adquirem VALOR LITERÁRIO, passando a integrar esse gênero autônomo na Literatura que é o GÊNERO EPISTOLAR. Conforme o assunto, a epistolografia pode ser AMOROSA, FAMILIAR (como as cartas de Madame de Sevigné), DIDÁTICA, APRECIATIVA ou CRÍTICA (como algumas de autoria de Mário de Andrade), ou ainda DOUTRINÁRIA (religiosas, como *As Provinciais* de Pascal, ou políticas, como as *Cartas Persas* de Montesquieu).

As epístolas ou cartas literárias são originárias do modelo clássico de Horácio, principalmente a *Epistula ad Pisones*, que encerra conselhos relativos à arte de poetar (sendo didáticas, portanto). Segundo Massaud Moisés³, Ovídio segue os passos de Horácio com as *Tristia* e *Ex-Ponto*, acrescentando notas de subjetividade amorosa nas *Heroides*. Tal modelo volta a ser moda na Renascença, com as obras epistolares de Petrarca, Ariosto, Sá de Miranda, dentre outros, sem contar a famosa *Epístola Moral a Fábio*, de autor espanhol anônimo. No século XVII, a epístola literária em prosa alcança seu auge com o desenvolvimento dos serviços postais: são de grande valor literário, por exemplo, as obras epistolares de Rousseau (2.500 missivas) e de Voltaire (10.000 cartas). Nos séculos XVIII e XIX, a epistolografia poética é um gênero apreciado por Shelley, Schiller, Byron, Castilho, Musset, Victor Hugo, Mallarmé,

3 MOISÉS, Massaud. *Dicionário dos Termos Literários*. 4a. edição, São Paulo, Cultrix, 1985, pp. 192/3.

e, na prosa, é usada como forma de apresentar obras de ficção, formando as cartas uma sequência narrativa, como em *Werther*, de Goethe. Além dos nomes citados, são grandes nomes da Epistolografia: Cícero, São Paulo – cujas cartas são os primeiros registros da vida e da doutrina de Jesus Cristo –, o Papa Gregório Magno, Maquiavel, Padre Vieira, D. Francisco Manuel de Melo, Eça de Queiroz, Napoleão Bonaparte, Lady Mary Montagu, Balzac, Flaubert, Kafka, Gramsci, Rainer Maria Rilke, Tomás Antônio Gonzaga, Álvares de Azevedo, Machado de Assis, Monteiro Lobato e tantos outros que podem ser objeto de estudos voltados a esse gênero. Interessa-nos, porém, da Epistolografia, um tipo de carta que é uma exceção ao que normalmente caracteriza uma carta ou epístola literária: a epistolografia amorosa, ou seja, as *cartas de amor*.

1.2 CARTAS DE AMOR: UMA EXCEÇÃO ÀS NORMAS DA EPISTOLOGRAFIA:

*Porque te amo desde outras vidas,
Porque soube que já te conhecia assim que te vi,
Porque me senti jovem e bela depois que me sorriste,
Porque meu coração tocou o teu naquele abraço,
Porque teu perfume entrou na minha alma ao beijar teu rosto,
Porque ouvimos a mesma música ao enlaçarmos nossas mãos,
Porque nossos olhares fazem amor,
Porque sei que és meu e que eu sou tua mesmo sem sermos,
Porque és a razão da minha existência,
Porque não consigo te dizer tudo isso,
Escrevo-te!*

ROSA MARIA BELOTO

Conforme o que foi exposto, a transformação de uma carta comum numa carta com valor literário pressupõe a perda de uma de suas características essenciais: sua ESPONTANEIDADE. Essa perda dá-se em decorrência dos retoques e até de

mudanças radicais na carta original para que ela possa se enquadrar no que é classificado como Literatura; sem contar que essa “nova” carta (“nova” porque literária e, muitas vezes, muito diferente da original) é destinada a vários receptores, de vários lugares e, por ter a pretensão de alcançar a posteridade, de várias épocas. Na epistolografia, entretanto, há um tipo de carta com valor literário que não se enquadra nessas normas: as CARTAS DE AMOR, pois elas jamais perdem sua ESPONTANEIDADE. Isso significa que tal tipo de carta não perde o que tem de essencial só por adquirir valor literário, principalmente porque:

1. embora passe a ser lida por várias pessoas, ela só tem – e para sempre – um receptor: a pessoa amada ou alguém que a conheça. Mesmo que muitos leiam a mensagem de amor existente em tais cartas, ela foi destinada ao receptor original;
2. por mais retocada, alterada, conotativa e tudo o mais que faça uma carta de amor ser uma obra literária, publicada e lida, ela jamais perde sua SUBJETIVIDADE, ou seja, ela continua sendo – também para sempre – um meio de expressão do amor que o emissor sente por alguém, deixando essa característica bem marcada no texto através da linguagem emotiva nela usada (palavras em primeira pessoa, interjeições, exclamações, etc.). Não importa de que maneira, com quais palavras, seguindo ou não as normas gramaticais, se denotativa ou conotativamente, nas suas linhas e entrelinhas, uma carta de amor sempre diz em resumo ao seu receptor: “Eu te amo!” ou “Eu amo fulano(a)”.

Uma prova do que foi exposto são os seguintes trechos do prefácio escrito por Cordélia Fontainha Seta para o livro *Cartas de Amor*, de Monteiro Lobato⁴:

Pela primeira vez terá o leitor a oportunidade de ler cartas de Lobato exatamente como ele as escreveu, sem que nenhuma modificação ou revisão fosse feita... Recebi instruções para que conservasse até mesmo os erros, propriamente ditos, de ortografia, de concordância e de pontuação, para que fosse oferecido ao público todo o sabor destas liberdades que nos permitimos quando não escrevemos para a crítica ou para o público; liberdades que nos permitimos quando escrevemos a quem nos é muito, muito íntimo, e diante de quem não precisamos “posar”; quando escrevemos a quem nos conhece suficientemente bem para saber que nossos desrespeitos à Gramática são feitos por despreocupação, pelo prazer de escrever exatamente como se fala, com toda a liberdade...

É Lobato rapazola, no mais recôndito da sua intimidade, escrevendo o que lhe brotava do coração, espontaneamente, sem nenhuma preocupação de estilo ou qualquer outra que não fosse a de fazer chegar ao espírito de sua amada a mensagem da torrente avassaladora do seu arrebatado amor. Não procurem frases compostas com premeditação literária nem estilo burilado. Aqui estão manifestações límpidas de um grande amor, jorradadas de um coração apaixonado, no afã – muitas vezes desmesurado – de fazer vibrar em uníssono consigo o coração de sua amada. (grifo nosso)

4 LOBATO, Monteiro. *Cartas de Amor*. São Paulo, Brasiliense, 1969, pp. X e XI.

Embora “Eu te amo!” seja uma das frases mais faladas e ouvidas no dia a dia da humanidade há séculos, selecionamos de três épocas distintas emissores que souberam dizer essa frase como ninguém através de suas cartas de amor: Abelardo e Heloísa, na correspondência que trocaram após o ingresso de ambos na vida monástica (século XII); Mariana Alcoforado, através das suas cinco “Cartas de Amor” imortais, enviadas ao Conde de Chamilly (século XVII); e as cartas da escritora George Sand e do compositor Chopin – enviadas a amigos ou trocadas entre eles – que falam do amor que viveram por oito anos (século XIX). Através dessas cartas de amor e da análise que delas faremos principalmente na conclusão desta obra, mostraremos por que elas são tão atuais (daí o uso de verbos no tempo presente no decorrer de toda esta obra), por que são eternas.

2 Cartas medievais: correspondência de Abelardo e Heloísa

*Où est la très sage Héloïs,
Pour qui fut châstré et puis moine
Pierre Esbaillart a Saint-Denis?
Pour son amour eut cette essoine.*

*(Onde está a sábia Heloísa
Por quem foi castrado e depois monge
Pierre Abelard em Saint-Denis?
Por seu amor teve essa provação.)*

(FRANÇOIS VILLON, "LA BALLADE
DES DAMES DU TEMPS JADIS")

Século XII, França. O desenvolvimento da Filosofia é marcado pela influência do platonismo e pela disputa entre os místicos e os teólogos contra os dialéticos. A dialética, na época, é concebida como a arte da discussão, da contraposição de ideias ou teses, aguçando os espíritos e permitindo que as questões religiosas sejam tratadas mais à luz da razão do que da fé, que, até então, é o único enfoque dado a tais questões, já que Deus é a medida de todas as coisas na teocêntrica Idade Média.

É nesse ambiente intelectual dominado pelos malabarismos retóricos e pelas disputas que nasce, em Le Petit (perto de Nantes), em 1079, Pedro Abelardo. Como sua família é de militares, Abelardo está inicialmente destinado à carreira das armas, mas a troca pelo estudo das letras; afinal, nessa época, a palavra parece ser uma arma tão poderosa quanto a espada e Abelardo vai usá-la como poucos: devido ao espírito polêmi-

co que o caracteriza por toda a vida, seu período de estudos de Retórica, de Teologia, etc., é marcado pela oposição que faz às ideias de seus mestres (Guilherme de Champeaux, Anselmo de Leon, etc.). Concluída a fase de estudos, Abelardo vai a Paris e passa a ensinar Filosofia e Teologia, iniciando uma brilhante carreira como professor e filósofo, amado pelos alunos e, por isso, odiado pelos colegas, seus grandes rivais. Como professor, Abelardo assume o compromisso de ter uma vida casta. Está no auge da carreira quando conhece a jovem, bela e – fugindo totalmente dos padrões femininos dessa época patriarcal – muito culta Heloísa e com ela vive uma das mais profundas, trágicas e famosas histórias de amor. E é o próprio Abelardo quem conta ao leitor essa história, através do seguinte trecho de uma carta que envia a um amigo anônimo⁵:

Havia então em Paris uma moça chamada Heloísa, sobrinha de um certo cônego Fulbert. Este, que a amava com ternura, nada havia poupado para lhe dar uma educação refinada. Ela era bastante bonita e a extensão de sua cultura tornava-a uma mulher excepcional. Os conhecimentos literários são tão raros entre as pessoas de seu sexo que ela exercia uma atração irresistível, e sua fama já corria pelo reino. Eu a via assim ornada de todos os encantos que atraem os amantes. Pensei que seria de bom alvitre estabelecer com ela uma ligação. Não duvidava do êxito: eu brilhava pela reputação, juventude e beleza, e não havia mulher junto a quem meu amor tivesse a temer recusa. Heloísa, eu estava persuadido, oporia tanto menor resistência quanto possuía uma

5 ABELARDO, Pedro. *Correspondência de Abelardo e Heloísa*. São Paulo, Martins Fontes, 1989, pp. 39-52.

sólida instrução e desejaria ampliá-la ainda mais. Mesmo que estivéssemos às vezes separados, poderíamos, pela correspondência, permanecer presentes um ao outro. De resto, as palavras que se escrevem muitas vezes são mais ousadas do que aquelas que se pronunciam com a boca. A alegria de nossas conversas não conheceria interrupção.

Todo inflamado de amor por essa jovem, procurei a ocasião de travar com ela relações bastantes estreitas que me permitissem penetrar em sua familiaridade quotidiana, e levá-la mais facilmente a ceder. Com tal objetivo, fiz-me apresentar a seu tio através de amigos comuns, os quais lhe propuseram tomar-me como pensionista. Na verdade, sua casa ficava muito próxima da minha escola; quanto ao preço, ele mesmo o fixaria. Aleguei que tomar conta de uma casa prejudicava meus estudos e que a despesa pesava muito em meu orçamento. Não apenas Fulbert era dos mais cúpidos, mas ainda se mostrava muito preocupado em facilitar os progressos de sua sobrinha nas belas-lettras. Lisonjeei essas duas paixões e obtive sem dificuldade seu consentimento, realizando assim meu desejo. Ele cedeu ao seu amor pelo dinheiro e concebeu a esperança de que sua sobrinha tiraria proveito de minha ciência. Insistiu sobre esse ponto. Suas súplicas vinham ao encontro dos meus votos além de toda esperança; servindo ele próprio meu amor, confiou Heloísa à minha orientação soberana, pediu-me que consagrasse à sua instrução todos os instantes de liberdade que, de dia ou de noite, meu ensinamento me concedesse; se ela se mostrasse negligente, devia recorrer aos castigos mais violentos. A ingenuidade do ancião me deixou estupefato. Eu não me recobrava do meu espanto: confiar assim uma terna ovelha a um lobo esfaimado! (...)

Que mais teria a acrescentar? Um mesmo teto nos reuniu, depois um mesmo coração. Sob o pretexto de estudar, entregávamo-nos inteiramente ao amor. As lições nos propiciavam esses “tête-à-tête” secretos que o amor anseia. Os livros permaneciam abertos, mas o amor mais do que a nossa leitura era o objeto dos nossos diálogos; trocávamos mais beijos do que proposições sábias. Minhas mãos voltavam com mais frequência a seus seios do que a nossos livros. O amor mais frequentemente se buscava nos olhos de um e outro do que a atenção os dirigia sobre o texto. Para melhor afastar as suspeitas, o amor me levava às vezes a bater nela: o amor e não a cólera, a ternura e não a raiva; e a doçura desses golpes era para nós mais suave do que todos os bálsamos. Mais ainda? Nosso ardor conheceu todas as fases do amor, e também tivemos experiência de todos os refinamentos insólitos que o amor imagina. Quanto mais essas alegrias eram novas para nós, mais as prolongávamos com fervor, e o desgosto não veio jamais.

Essa paixão voluptuosa me tomou por inteiro. Cheguei a negligenciar a filosofia, a abandonar minha escola. Dar os meus cursos provocava em mim um tédio violento e me impunha uma fadiga intolerável: com efeito, consagrava minhas noites ao amor, meus dias ao estudo. Fazia minhas lições com negligência e torpor; não falava mais inspiradamente, mas produzia tudo de memória. Eu me repetia. Se conseguia escrever qualquer peça em versos, me era ditada pelo amor, não pela filosofia. Em várias províncias, vós o sabeis, ouve-se frequentemente, ainda hoje, outros amantes cantar meus versos...